

1

FOLHETO

NATAL — RN

F Ú T I L B O L

Soa o estridente apito
bola
deita
rebola
embola
um grito quase um golpe
a cerveja escorrendo
uma nádega morena
rebolando
o relógio matando o tempo
o círculo cresce como um
tumor maligno no corpo
estica
dança
grita
explode a multidão alucinada
risos, vozes desconexas, pernas trêmulas
buzinas, poeira, suor, palavrões
um domingo meio morto
até que se faça outro
e haja fútilbol.

(Enoch Domingos)

V O C Ê

CHORAR

é

TAO IN

FANTOJ

UVENIL

UMA

LÁGRIMA

DE

ANIL

AZUL

C

A

I

N

D

C

SOLITARIA

VOCE É CO

MO UMA BO

LHA NO AR

PLOFT! DE

AR.

CRIANÇA

ETERNAMENTE

É TER NA ME

NTE ETERNAM

FNTE É SER...

(Enoch Domingos)

DIÁRIO DA CIDADE

maria, a lavadeira

lava os panos com amor.

joão, o estivador

bebe cana na ribeira.

maria, morena dor

sobe a saia na ladeira.

joão, o estivador

saca logo da peixeira.

maria, a lavadeira

desliga o televisor.

joão, da nua cadeira

não liga o seu amor.

maria, sim; é um amor.

lava cozinha a feira

esquece da vida o horror.

joão, vive de bobeira.

maria, a lavadeira

recebe o golpe com dor.

joão, o estivador

agora lava a peixeira.

(João Gualberto Aguiar — do
livro "Máquina de Lavar")

PRAEIRA

praieira
dos meus amores
dos meus rigores
giroflácidos
afogados em alto mar
praieira
dos meus pecados
originaes
pecados mortais
vivididos a pensar
em luas e lobisomens
praieira
dos meus desejos
dos meus fracassos
dos meus recados
dos teus poetas
ao sussurro das ondas
praieira
dos meus amores

(João Gualberto Aguiar — do
livro “Máquina de Lavar”)

LIBÉLULA

libélula
zig zag zig zag
libélula
zig zag zig zag
no mês de junho

(João Gualberto Aguiar — do
livro “Máquina de Lavar”)

COROA-DE-FRADE

No
reino
sertão
vive
a
coroa
no
chão

(Racine Santos)

A FACA

É a arma nordestina
de toda ocasião.
Não é branca,
tem a cor de quem a leva.
amarela.
Ou então negra,
suja de fumo e solidão.
A faca nordestina
não vive apenas de morte:
guarda no fio a defesa
e traz o trabalho no corte.
E assim multiplicada,
a faca nordestina,
se transforma em instrumento
perigoso, agressivo,
mesmo contradizendo
sua figura franzina.
É magra como seu dono.
E mais se identifica:
tem a pele seca e dura.
Não apenas como instrumento
de trabalho ela é amada:
antes por dar segurança
à mão frágil que a segura

(Racine Santos)

1—De cidade nordestina
Natal tem a denúncia
uma cor amarelada,
a tez macilenta e fria.
E o que é mais agressivo:
uma grande mão vazia.

2—De cidade nordestina
Natal tem até a fama
de ser enterrada em rede,
mesmo que morra em cama.
E de comer caranguejo,
alimento que é só lama

3—De cidade nordestina
Natal tem a teimosia
(embora contrariando
as leis da biologia)
de viver mostrando cheia
sua barriga vazia.

4—De cidade nordestina
tem resignação mongil,
e sofre não conhecer
os filhos que já pariu,
perdidos no que se chama:
mortalidade infantil.

(RACINE SANTOS — do livro
ABC da cidade do Natal)

P 732 ex. 2

ATENÇÃO LEITORES

Este primeiro número da série FOLHETO, mostra alguns trabalhos de três conhecidos poetas natalenses: Enoch Domingos, João Gualberto Aguiar e Racine Santos. Aguardem o número 2, com mais três poetas de nossa terra.

Fundação José Augusto
Carroção da Cultura

SNB